



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



França Júnior

Amor com amor se paga



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

Amor com amor se paga

França Júnior

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1870.

Livro Digital nº 817 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Joaquim José de França Júnior

(1838 - 1890)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

AMOR COM AMOR SE PAGA

COMÉDIA EM UM ATO



PERSONAGENS:

MIGUEL CARNEIRO (25 anos)

ADELAIDE CARNEIRO (sua mulher, 22 anos)

EDUARDO COUTINHO (30 anos)

EMÍLIA COUTINHO (sua mulher, 20 anos)

VICENTE (24 anos)

A ação passa-se na cidade do Rio de Janeiro. Época: Atualidade.

ATO ÚNICO

O teatro representa uma sala elegantemente mobiliada. Portas ao fundo, à direita e à esquerda. No centro uma mesa coberta por um pano em cima da qual há um violão.

CENA I

Vicente e Eduardo Coutinho

EDUARDO

Arranjaste tudo quanto te encomendei?

VICENTE (*limpando os trastes*)

Tudo, Nhonhô. Vosmecê já sabe para quanto presta este mulatinho. Cá ao degas não é preciso repetir as coisas. Se vosmecê bem o disse, melhor o fiz. Olhe: uma empada, dois pratos de croquetes, uma galinha de molho *pardo*...

EDUARDO

Podes limpar a mão à parede com o tal molho *pardo* Alugo este aposento para receber uma mulher que é a encarnação da elegância

e do chique. Encomendo-te uma ceia esquisita e procuras matar a poesia de uma segunda entrevista amorosa, apresentado-nos à mesa um prato, que traz em seu seio os germens de uma indigestão. Tens às vezes certas lembranças... Decididamente acabo por te dar baixa deste serviço. Aposto que esqueceste o vaso de flores.

VICENTE

O vaso de flores?

EDUARDO

Está visto, és um estonteado.

VICENTE

Dou as mãos à palmatória, Nhonhô; mas em compensação preparei uma surpresa, que há de pôr a mocinha (*imitando*) assim... de beijo caído.

EDUARDO

Faço ideia.

VICENTE

Nhonhô não sabe o que é. São dois guardanapos, dobrados em forma de coração: num enterrei uma faca, no outro espetei um garfo, e arranjei uns floreados da silva... está mesmo coisa papafina.

São dois lindos corações,
Que à mocinha hão de encantar.
Cá o degas, meu Nhonhô,
Sabe as coisas preparar.

Quando a moça vir aquilo
Sentirá tal emoção,
Que, ao pegar no guardanapo,
Dar-lhe-á o coração.

EDUARDO

Capadócio!

VICENTE

Aquilo dispensa uma declaração; poupa palavras e vale por trinta vasos de flores.

EDUARDO

Está bom; não há tempo a perder. (*Vendo as horas*) É quase meia-noite e ela está à minha espera. O segredo é a alma do negócio: se deres com a língua nos dentes... Até já. (*Sai*)

CENA II

VICENTE (*só*)

Pois não! Era preciso que eu fosse um pedaço de asno para andar por aí contando o que ouço e o que vejo. Cá o degas não mete mão em cumbucas. Tenho casa e comida *gratis pro Deo*, passo aqui os dias em santo ócio a cantar modinhas, com as algibeiras sempre recheadas, e pouco se me dá de saber que interesse tem este sujeito em ocultar-me a sua morada e muito menos de indagar o nome da tal sirigaita, que entra por aqui, toda embuçada e estremecendo ao mais pequeno ruído. O que lucraria eu, se comesse a papaguear? Era posto no olho da rua, perdia a *manjuba* e recrutamento *me fecit*. O filho de Inocência Floresbela do Amparo não vai para o Paraguai não, mas é o mesmo. Tenho muito amor a este pelo e não caio de cavalo magro.

Por amor de contar novidades
Não arrisco este pelo tão caro,
Em cumbuca não mete os gadanhos
O finório Vicente do Amparo.

(*Ouve-se fora grande algazarra e gritos de "pega ladrão!"*)

O que é isto?

CENA III

O mesmo e Miguel Carneiro (que entra correndo, em mangas de camisa, muito cansado; atira Vicente ao chão).

VICENTE

Ó senhor!

MIGUEL

Cala-te, pelo amor de Deus.

VICENTE

Quem é o senhor?

MIGUEL

Ponho às tuas ordens a minha bolsa, dou-te tudo o que me pedires sob condição de me esconderes aqui até amanhã. Eu ficarei em qualquer parte; na cozinha, dentro de um armário, na claraboia, debaixo de um cesto; mas salva-me por tudo quanto tens de mais caro nesta vida.

VICENTE

Mas como é que o senhor entra, sem mais nem menos, a esta hora, pelo asilo do cidadão, e nestes trajés?!

MIGUEL

Se tu soubesses o que me aconteceu, desgraçado, terias dó de mim.

VICENTE

Percebo. (*Gira com os dedos da mão direita ao redor do dedo grande*)

MIGUEL

Não me julgues pelo que acabas de ouvir. "Pega-ladrão" é uma fórmula de que o povo se serve para alcançar o infeliz que a polícia persegue. Eu sou uma vítima do amor. Imagina uma cena de Julieta e Romeu, sem balcão nem escada de corda. Eu e ela! Por cima de

nossas cabeças o céu crivado de estrelas e por teatro da nossa felicidade um modesto quintal. À hora indicada abro a porta com esta chave (*mostrando-a*), coso-me ao muro como uma lagartixa e espero, mal podendo conter a respiração, que aparecesse o anjo dos meus sonhos. Um cachorrinho felpudo, ou antes a imagem do diabo, aparece na porta da cozinha, e seus latidos foram bastantes para acordar um galo e com ele toda a pacífica população, que dormia empoleirada no galinheiro. O ruído que fizeram os gansos do Capitólio na cidadela de Roma, pondo em alarma as forças de Manlio, não pode ser equiparado à algazarra infernal que houve naquela casa. O grito de "pega-ladrão" veio coroar a obra. Esgueiro-me pela rua, e começo a correr como um veado, perseguido por dois urbanos, em cujas mãos deixei o paletó e por uma súcia de vagabundos, que afinavam o maldito "pega" em todos os tons. Foi esta a única porta aberta que encontrei. Salva-me, salva-me por tudo quanto tens de mais caro sobre a terra.

VICENTE

Mas o senhor não pode ficar aqui: meu amo não tarda, e ele recomendou-me... Oh diabo, lá ia dando com a língua nos dentes.

MIGUEL

Desalmado, queres me expor ao ridículo da sociedade? Não sabes que tenho um emprego público, que sou o juiz de paz mais votado da freguesia, que tenho mulher e filhos e que, se caio nas garras da polícia, depois de amanhã aparecerá o meu nome nos jornais como o de um larápio?

VICENTE

Mas, senhor...

MIGUEL

Queres reduzir-me à triste posição de filho do Celeste Império, atacando a horas mortas os galinheiros estranhos?

VICENTE

E por que foi se meter o senhor em camisas de onze varas? É boa!

MIGUEL

Tu não sabes o que é o amor. Sentir no peito as pulsações de um Coração, que se expande em suaves harmonias, ouvir de uns lábios purpurinos palavras de consolo, como notas místicas de um coro de anjos, apertar a mão cetinosa, que se nos confia a medo, sobraçar a cintura que foge... Olha... Como te chamas?

VICENTE

Vicente Maria do Amparo, um seu criado.

MIGUEL

Nunca amaste, Vicente?

VICENTE

Que o diga o meu violão. Nós cá não amamos como os senhores, que dizem às moças *umas bobages* e *umas tolices* que ninguém entende. Passa-se, pisca-se o olho... Assim, olhe. (*Arremedando*) De noite reúne-se a troça debaixo da janela da crioula, e o violão começa a gemer.

MIGUEL

Mas que diabo lucras tu com isto?

VICENTE

Não exponho o pelo a uma sova de pau como lhe ia acontecendo, e a gente se *adverte*.

MIGUEL

És engraçado.

VICENTE

Deita-se o cigarro atrás da orelha, afina-se o violão, e a gente canta assim. (*Segurando o violão e cantando*):

Trovador, o que tens, o que sofres,
Por que choras com tanta aflição...

Olhe só este transporte (*ferindo o violão*); isto chama-se tom de pestana.

O teu pranto assaz me compunge,
Trovador, ah! não chores mais, não.

O essencial é que se floreie bem nos bordões e que este pedaço de pau (*mostrando o violão*) não trasteje na prima. Eu cá sou músico de orelha, mas...

MIGUEL

E é por isso que flagelas as orelhas de tuas amadas.

VICENTE

Oh! mas conheço isto a palmos. (*Indicando o violão*) Lá vai o resto.
Se acaso a mulher que tu amas
Te tratou com acerbo rigor,
Trovador, ah! por isto não chores.

MIGUEL

Está bom, basta.

VICENTE

Cantei esta modinha pela primeira vez debaixo da janela do meu primeiro amor. Era uma crioula linda como os amores; chamava-se... chamava-se... (*Procurando recordar-se*) Como se chamava ela, Vicente?

MIGUEL

Pois bem; tu já amaste muito, e podes avaliar os apuros em que me vejo.

VICENTE

Chamava-se... Que maldita memória!

MIGUEL

Eu tenho os pés em cima de uma cratera.

VICENTE

Repita, repita esta palavra estrangeira, que o senhor acaba de dizer.

MIGUEL

Cratera!

VICENTE (*batendo na testa*)

É isso mesmo! Maria Joaquina chamava-se a crioula. (*Ouve-se o rodar de um carro*) E meu amo, saia, senhor; não me comprometa.

MIGUEL

Nestes trajes? Mas por onde?

VICENTE

Saia por aqui. (*indicando a porta da esquerda*) Por aí não.

MIGUEL

Que noite, meu Deus!

VICENTE

Esconda-se, esconda-se, senhor; não há tempo a perder. Eles sobem já a escada. (*Miguel vai sair por uma das portas da direita, que deve estar fechada, esbarra-se nela e esconde-se embaixo da mesa*)

CENA IV

Os mesmos, Eduardo Coutinho e Adelaide Carneiro.

EDUARDO

Apoie-se no meu braço. Não tenha o mais pequeno receio. Estamos sós. (*Para Vicente*) Passa para dentro. (*Vicente sai*) Ninguém testemunhará as nossas confidências e aqui, entre as quatro paredes deste aposento, longe dos falsos ouropéis do mundo que se agita lá fora, escreveremos a página mais feliz da nossa vida.

MIGUEL (*à parte*)

Uma entrevista!

ADELAIDE

Sinto faltarem-se-me as forças, mas como são gratas estas emoções!

MIGUEL (*à parte*)

Eu conheço esta voz.

ADELAIDE

Afigura-se-me Parisina, indo ao encontro do desditoso amante nessa hora em que o rouxinol, oculto na espessa ramagem, modula as mais sentidas endeixas. Lembra-se desta situação? É logo no primeiro canto do poema. Oh! mas este amor criminoso não há de levar-me ao sepulcro. Eu terei a força necessária para arrancá-lo do peito.

MIGUEL (*à parte*)

Esta voz é de minha mulher!

EDUARDO

Oh! não fales na fria lousa que deve encerrar os restos preciosos de tua beleza, diante da vida que nos sorri.

Ah! não fales em sepulcro

Quando a esperança nos sorri.

MIGUEL (*à parte*)

Ah! patife de uma figa,

Quanta gana tenho em ti.

ADELAIDE

O amor é sentimento

Que a mulher prende e seduz,

Somos qual a mariposa

Que queima as asas na luz.

EDUARDO

Se o amor é sentimento
Que a mulher prende e seduz,
Voemos juntos, voemos
Em torno da mesma luz.

MIGUEL

Ó que lábia de patife,
Que finório sedutor!
Muito caro há de pagar-me
As venturas deste amor.

ADELAIDE

É justamente como disse Byron: — Na vida homem o amor é um episódio; para a mulher é a existência inteira.

MIGUEL (*à parte*)

Cita Byron! É minha mulher. Estava escrito que aquele livro perigoso me havia de ser fatal.

EDUARDO

E no entretanto, por que te mostras tão esquiva para comigo, fazendo surgir sempre entre nossos corações, que palpitam cheios de vida e de esperança, a imagem severa de teu marido?

MIGUEL (*à parte*)

Que patife!

ADELAIDE

É porque amo muito meu marido. Quando vi pela primeira vez aquela fronte pálida, aqueles olhos lânguidos e rasgados, exclamei: — Ali está uma alma de poeta! E em minha mente, incendiada pela flama da mais radiante poesia, desenhou-se em toda a majestade o tipo de D. Juan, acordando à luz amortecida das estrelas do céu da Grécia, no regaço perfumado da divina Haideia.

EDUARDO

Eu serei o teu D. Juan; deixa-me repousar também a fronte em teu regaço.

MIGUEL (*à parte*)

Que noite, meu Deus!

ADELAIDE

Meu marido também me dizia o mesmo nos dias felizes da lua de mel. Um mês depois de ter-me levado ao altar, ria-se quando eu lhe falava da nossa felicidade, virava-me as costas, quando lhe exprobase o seu comportamento, e o ósculo marital que me dava ao entrar em casa, era dizer-me que o feijão estava muito caro.

MIGUEL (*à parte*)

E é por causa da carestia do feijão que esta mulher, mesmo nas minhas bochechas... Vou fazer uma estralada.

EDUARDO

Deixa-me abraçar esta cintura delicada. (*Faz menção de abraçá-la*)

ADELAIDE

Não me toque, senhor. Eu já lhe disse que amo muito meu marido, apesar da indiferença com que sou tratada. Há neste peito, porém, muita sede de poesia e o senhor não é para mim neste momento mais que o ideal de um belo romance, que acabo de ler.

MIGUEL (*à parte*)

É o *Rafael* de Lamartine. E fui eu quem o comprou! Eu acabo por atacar fogo em todas as livrarias.

EDUARDO

Mas isto não pode ser. É a segunda entrevista que a senhora me concede e eu tenho direitos.

MIGUEL (*à parte*)

Direitos tenho eu de te meter o cacete.

ADELAIDE

Direitos tão-somente à minha estima e amizade. Se aqui vim, é porque amo o imprevisto e o mistério e estas cenas romanescas falam-me às fibras mais recônditas da alma. Eu queria sentir as emoções de uma entrevista e nada mais.

MIGUEL (*à parte*)

Que ouço!

EDUARDO

Então a senhora ama deveras seu marido?

ADELAIDE

Amo-o com estremecimento.

EDUARDO

Pois bem; eu o amo igualmente com idolatria. Amemo-lo nós dois.

Eu o amo, tu o amas,

Ele ama, nós amamos,

E amando gozaremos

A ventura que sonhamos.

Conjugando o doce verbo

Sentimos igual paixão

Nesse amor de parceria

Cada qual tem seu quinhão.

MIGUEL (*à parte*)

É demais. Vou arrebentar a cara deste patife.

CENA V

Eduardo, Miguel, Adelaide e Vicente.

VICENTE

A ceia está na mesa.

EDUARDO

Passemos à sala imediata. Lá ergueremos um brinde a esse amor casto e puro, que eu e a senhora consagramos a seu marido.

MIGUEL (*à parte*)

E eu hei de dar os *urras!* Tratante. (*Saem todos menos Miguel*)

CENA VI

MIGUEL (*só, saindo debaixo da mesa*)

E esta! Escapo de Cila e venho cair em Caribides. Mas agora, não há mais considerações que me obriguem a guardar conveniências. Este tratante há de pagar-me. Minha mulher julga-me no clube, jogando o voltarete, e enquanto eu namoro a mulher do próximo, ela procura ideias fora de casa. É bem feito, seu Miguel Carneiro. Mas, em suma, quem é este homem que eu não conheço? Eu tenho o direito de saber o seu nome; porque no fim de contas minha mulher tem por ele uma paixão... platônica. Oh! este platonismo alivia-me de um peso... É demais! Quero saber tudo. (*Avança para a porta e é detido por Vicente*)

CENA VII

O mesmo e Vicente.

VICENTE

O senhor ainda está aqui!!

MIGUEL

Quem é esse homem que daqui saiu?

VICENTE

Vá-se embora, senhor; não me faça perder a paciência. Suma-se, suma-se.

MIGUEL

Eu quero saber o nome desse homem, e daqui não sairei, enquanto não arrancar do seu poder aquela mulher.

VICENTE

Mau, mau, o senhor está me fazendo perder as estribeiras. Não me obrigue a lançar mão da *grafia*. (*Faz partes de capoeira*)

MIGUEL Estou disposto a arrostar um escândalo.

VICENTE

Olhe que eu lhe mostro para quanto presta este mulatinho. Se duvida muito, passo-lhe as *boças* enquanto o diabo esfrega um olho. Vá-se embora, moço, vá-se embora. Que moço de maçada!

CENA VIII

Os mesmos e Emília Coutinho.

EMÍLIA (*entrando às pressas*)

Felizmente encontro-o são e salvo!

MIGUEL

Senhora! O que veio aqui fazer?!

VICENTE (*à parte*)

Por esta casa anda hoje o diabo.

EMÍLIA

Que susto, meu Deus! Repare como estou tremendo. Quando o vi perseguido pela polícia, como um ladrão, não pude conter-me: saí também para a rua, afrontando as consequências deste passo irrefletido e, depois de muito indagar, soube que tinha entrado aqui. Estou comprometida até a raiz dos cabelos, apesar da inocência dos nossos amores e agora não sei como sair deste apuro.

MIGUEL

Fuja quanto antes, minha senhora; a sua presença nesta casa é a minha perdição.

VICENTE (*à parte*)

Isto acaba numa grande água suja. Eu vou para dentro e cá não venho mais, haja o que houver. (*Sai*)

EMÍLIA

Meu marido já está talvez em casa. Que fizeste Emília!

MIGUEL

Que noite, que noite, meu Deus!

EMÍLIA (*chorando*)

O senhor foi o culpado.

MIGUEL

Não grite, senhora.

EMÍLIA (*chorando*)

Eu amava muito meu marido. Por que veio desinquietar-me? Estou perdida por causa de um namoro de passatempo e amanhã serei apontada por toda a cidade como uma réproba.

MIGUEL

Não grite, senhora, que eles estão ali.

EMÍLIA

Não poder aparecer mais diante de meus filhos. Que fizeste, Emília?

MIGUEL

Mas com os diabos, quem lhe mandou vir aqui a estas horas? Queixe-se de sua leviandade. Aí vêm eles: esconda-se.

(*Depois de correrem atrapalhados pela cena, escondem-se afinal os dois ao lado da mesa*)

CENA IX

Emília, Miguel, Eduardo e Vicente.

EDUARDO (*a Vicente*)

Vai depressa buscar um carro.

EMÍLIA (*à parte*)

É a voz de meu marido; segure-me que estou desmaiando. (*Cai nos braços de Miguel*)

MIGUEL (*à parte*)

Seu marido!

VICENTE

Ó Nhonhô, aquela mocinha parece-me meia gira. Eu creio que ela sofre do fígado. (*Apontando para a cabeça; sai*)

EDUARDO

Decididamente não é uma mulher; é um romance vivo. Sou para ela D. Juan, Gilbert, Dartagnan, tudo que tem saído da cabeça dos poetas, menos o que sou. Já não posso aturá-la.

MIGUEL (*à parte*)

Que noite, meu Deus!

EDUARDO

Enquanto ela lê versos, reclinada nos coxins do divã, vou respirar um pouco de ar à janela. (*Sai*)

CENA X

Emília e Miguel.

MIGUEL

Ó senhora, olhe que a ocasião não é própria para faniquitos. Acabe com isto.

EMÍLIA
Ele já partiu?

MIGUEL
Ele quem?

EMÍLIA
Meu marido; eu ouvi a sua voz. Estou comprometida para sempre, e no entretanto o senhor bem sabe que ainda não me esqueci dos meus deveres.

MIGUEL
Infelizmente sei; mas descanse que a senhora está salva e eu também.

EMÍLIA
Salva?! O senhor não o conhece; é ciumento como um Otelo e será capaz de estrangular-me aqui mesmo com este pano de mesa.

MIGUEL
Eu aposto a minha cabeça como ele não lhe dirá a mais pequena palavra. Escute; eu vou ajoelhar-me a seus pés, segurar-lhe na cetinosa mão. (*Ajoelha-se e segura-lhe na mão*) E a senhora gritará, fingindo que forceja por sair dos meus braços.

EMÍLIA
Deixe-me, senhor; deixe-me, ele pode chegar e a minha vida corre perigo.

MIGUEL
Bravo, bravo, muito bem; é isto mesmo o que eu quero.

EMÍLIA

Não abuse da minha situação e considere que sou uma mãe de família.

MIGUEL

Eu te amo, te idolatro, és a estrela polar do meu firmamento. Ande, grite mais.

EMÍLIA

Senhor.

CENA XI

Os mesmos e Adelaide.

ADELAIDE (*à parte*)

O que vejo? De joelhos aos pés de outra mulher, e já em mangas de camisa! (*Alto*) Senhor, o seu comportamento é inqualificável! (*Emília grita. Miguel levanta-se e volta-se*) Meu marido! (*Desmaia*)

EMÍLIA

Não me explicará o que significa tudo isto, senhor?

MIGUEL Oculte-se aqui; não devemos perder um só minuto. Vai saber em breve a decifração de tudo. (*Leva-a para uma das portas da direita e fecha a porta; para Adelaide*) Levante-se, minha senhora, os desmaios estão já muito explorados pelos romances modernos.

ADELAIDE (*ajoelhando-se*)

Perdão, Miguel.

MIGUEL

Esta posição é ridícula demais para uma heroína.

ADELAIDE (*erguendo-se com altivez*)

Tens razão; eu não sou tão criminosa como te parece, e assiste-me, por conseguinte, o direito de perguntar-te o que fazias nesta sala com aquela mulher.

MIGUEL

E o mesmo direito que me assiste. O que veio a senhora fazer nesta casa?

ADELAIDE

Miguel, eu te juro pela minha vida que estou inocente.

MIGUEL

Quem é esse homem que aqui mora?

CENA XII

Eduardo, Miguel e Adelaide.

EDUARDO

Que *faz* o senhor aqui?

MIGUEL

Não tenho que dar-lhe satisfações.

EDUARDO (*para Adelaide*)

Quem é este homem?

ADELAIDE (*à parte*)

Estou perdida.

MIGUEL (*sentando-se no sofá*)

Minha senhora, tenha a bondade de dizer aqui ao senhor quem eu sou. (*Pausa*) Já que é tão curioso, vou satisfazê-lo. Chamo-me Miguel Carneiro, e apesar de estar intimamente convencido de que o senhor não passa de um ideal para esta mulher romanesca, da qual sou marido, eu ainda assim o desafiaria para um duelo, como fazem os homens de brio, se não aproovesse à fatalidade trazer-me a esta casa, como que expressamente para dizer-lhe — que nada devemos um ao outro.

EDUARDO

Senhor Miguel Carneiro, creia que...

MIGUEL

Sei tudo. O senhor amou minha mulher.

EDUARDO

Mas...

MIGUEL

Puro platonismo; estou disto intimamente convencido. Ora, na minha qualidade de marido, devo ser grato aos obséquios que fazem à minha mulher.

ADELAIDE (*à parte*)

O que quererá ele fazer, meu Deus!

MIGUEL

Eu gosto de pagar os benefícios à boca do cofre.

ADELAIDE (*ajoelhando-se entre os dois*)

Se sinistras são as tuas intenções, oh! Miguel, antes de consumá-las, terás de passar por cima do meu cadáver.

MIGUEL

Tranquelize-se, senhora; eu não lhe darei o gosto de mais uma emoção romanesca. (*Adelaide levanta-se; para Eduardo*) Devo-lhe em matéria de amor uma reparação; vou satisfazer-lhe já a minha dívida. (*Indo à porta onde se acha Emília*) Pode sair, minha senhora. (*Emília sai*)

CENA XIII

Os mesmos e Emília.

EMÍLIA

Não me condenes. Sobre tua cabeça pesa um crime talvez, eu apenas cometi uma leviandade.

MIGUEL

Fique descansada; sobre nossas cabeças não pesa absolutamente coisa alguma. Pode abraçar sua mulher, eu abraçarei a minha.

EDUARDO

E por que artes veio o senhor ter a esta casa?

MIGUEL

Enquanto o senhor fazia a corte à minha metade, eu constipava-me no seu galinheiro à espera da sua. Mas já lhe disse que pode ficar tranquilo; o divino Platão velava por nós. Sua mulher explicar-lhe-á o que aqui me trouxe.

EDUARDO (*abraçando Emília*)

Emília!

ADELAIDE (*abraçando Miguel*)

Miguel!

MIGUEL (*para Eduardo*)

Amor com amor se paga. Já vê que nada devemos um ao outro; dou-lhe o troco na mesma moeda.

CENA XIV

Eduardo, Adelaide, Emília, Miguel e Vicente.

VICENTE

O carro está aí. (*À parte*) Olé!

MIGUEL

Há de permitir-me que o aproveite. Não posso ir a pé para a casa nestes trajes.

EDUARDO

Com muito prazer.

MIGUEL (*despedindo-se*)

É verdade, a sua graça?

EDUARDO

Eduardo Coutinho, seu humilde criado.

MIGUEL

Pois, Senhor Eduardo, lá estou às suas ordens. Creio que já sabe onde moro.

EDUARDO

Da mesma forma. Para que não tenha mais o incômodo de entrar pelo quintal, a porta da minha casa dá para a Rua da Ajuda.

VICENTE (*à parte*)

Os diabos me carreguem, se compreendo esta embrulhada.

TODOS (*menos Vicente*)

Ó Platão, bendito sejas,

Foste o nosso protetor;

Viva a bela teoria

Do teu casto e puro amor.

É sublime, edificante,

A lição que tu nos dás,

Onde plantas teu domínio,

Reina a ordem, impera a paz.



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com